

Bandidos podiam matar uma pessoa por dia

... isto só para matarem o vício

— desabafo de uma senhora idosa, vítima dos criminosos

por M. Mabunda

Domingo 13/12/87



Eles matariam uma pessoa por dia, só para matar o vício

Utine é uma pequena aldeia comunal situada na localidade de Chipadja, cerca de 25 quilómetros a norte da cidade de Chibuto, em Gaza. Esta aldeia nasceu em meados de 1984. Tem uma área de cerca de sete quilómetros quadrados e comporta, aproximadamente, três mil moradores, a maioria dos quais são camponeses.

«16 de Março», o nome oficial da aldeia, era, até Agosto deste ano, uma das poucas zonas do país onde os criminosos não tinham posto ainda os pés. No dia 12 de Agosto deste ano, pela manhã, os bandidos armados assaltaram Utine. Não fosse o facto de, pela manhã, os moradores da aldeia irem às suas machambas, teriam sido apinhados em grande número.

Um amigo meu, natural de Utine e residente aqui, na cidade de Maputo, telefonou-me uma tarde a contar-me que recebera a notícia de que lhe tinham queimado a casa e que, se me não importasse, o poderia acompanhar até Utine, no dia seguinte, e voltaríamos dois dias depois. Aceitei o convite.

Um professor primário da «16 de Março», com quem tive oportunidade de trocar algumas palavras, mas que me pediu o anonimato, conta que, nessa manhã de 12 de Agosto, ele mais os seus colegas encontravam-se na escola a dar aulas. Quando se aperceberam do triste facto, fugiram imediatamente com os alunos e foram esconder-se no mato, durante longas horas.

Como não tive tempo de passar por casa para tirar algumas coisas, mal notei que tudo estava calmo, regressi logo a casa. Foi então que verifiquei que nem a latrina sobreviveu: tudo estava queimado. Notaram a minha motorizada... não

sei se lá no mato há ruas para andar de motorizada.

O meu interlocutor disse que, o que mais lhe provocara lágrimas — e na altura, também, começou a vertê-las — foi ver que a sua burra, que na altura estava em casa, também foi raptada.

Mas porquê um animal que não se come? interrogou-se o professor. Apesar das lágrimas que lhe corriam pelo já velho rosto, o meu entrevistado prosseguiu, dizendo

que raptaram muita gente, sobretudo os velhos (que não conseguem fugir), crianças e mulheres e que também roubaram muita coisa... tudo, tudo o que lhes aparecia à frente.

Para aquele professor da aldeia comunal «16 de Março», que diz nunca ter vivido uma situação de guerra, esta não é a verdadeira guerra: Não é a isto que se pode chamar guerra. Numa guerra dispara-se de soldado para soldado e não de soldado para crianças, velhos, mulheres; pessoas que tentem fugir. Guerra não é um exército fugir do outro.

Quando lhe perguntei se pensava poder-se estabelecer um diálogo com os criminosos, o meu entre-

A casa do professor situava-se à entrada de Utine. Percorri um pouco mais a aldeia. O que me apareceu foi uma aldeia comunal de casas queimadas; pessoas amedrontadas, enfim, marcas de terror e de inumana violência.

Com um pouco mais de coragem perguntei ao professor se pensava abandonar Utine... Eu nasci aqui; p'ra onde irei?

Regressámos. Os dias foram passando. Irregularmente o meu amigo foi-me telefonando a contar que lhe tinham assaltado a aldeia, mas não havia muito mais a lamentar. A última vez que me telefonou foi há menos de uma semana. Contou-me então que tinham assaltado a aldeia mais uma vez,

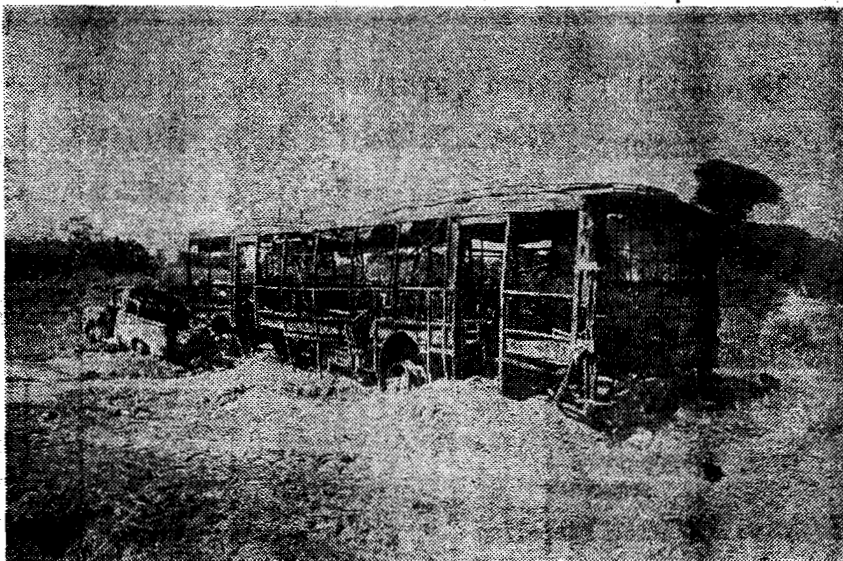
pode afirmar que já está muito cansada. A sua idade ronda a casa dos setenta.

Ela também me pediu anonimato.

Quando chegamos da última vez — disse-me, recordando — o meu marido (o professor) estava a tomar banho. Eu e uma criança que ficava conosco, estávamos sentados e, como estavam muito perto, já não dava para fugir...

Interrompi-a para lhe perguntar se ainda conseguia correr. Respondeu que, embora não aguentasse, tinha que fugir.

E ela que prossegue: O meu marido, quando se apercebeu, saiu da casa de banho e fugiu. Eles perguntaram-me quem era e eu res-



Destruição é a única coisa que sabem fazer

vistado limpou as lágrimas e, muito calmamente, disse: Não é objectivo deles estar no poder; o que eles querem é matar-nos a nós todos. Um professor que ensina o povo, um enfermeiro que cura o doente, uma criança; são os alvos preferidos para a morte. Não são pessoas normais.

tendo, na altura, raptado sua mãe mas, por sorte, mandaram-na voltar. Então ela veio a Maputo.

No dia seguinte fui à casa do meu amigo, para ver a mãe, e não resisti a entrevistá-la, apesar de ela não saber falar português. Para quem a vê, embora não possa dizer que já não presta para nada,

pondi que não o conhecia... — começou a chorar... bateram-me... roubaram-nos o pouco que já tínhamos conseguido recuperar e ordenaram-nos (a ela e à criança) que fôssemos com eles. Tinham raptado muita gente, maioritariamente crianças dos cinco aos dez anos, velhos e mulheres. Só havia um homem, mas já muito velho, a quem antes de o mandarem voltar, ordenaram que rasgasse o seu próprio Bilhete de Identidade e grande quantidade de dinheiro em notas que trazia.

A minha interlocutora contou que a maioria dos bandidos armados eram crianças dos treze aos dezasseis anos, todos eles drogados. Acrescentou que o mais chocante e temível é que matam tudo, mesmo cães, roubam tudo, mesmo burros, e queimam tudo.

Pelo caminho, perguntaram-me onde ficava Chibuto e Manjacaze e eu respondi que era muito distante dali. Depois de muito andar, mandaram-nos voltar e ir dizer ao secretário da aldeia que eles não queriam a aldeia comunal... — de novo interrompemos a conversa, as lágrimas escorriam pelo rosto — a minha sobrinha foi com eles e não sei o que é feito dela agora... Quando iam voltar, houve alguns que pediram para nos matar, mas o chefe deles recusou. Perguntei-lhe que acha da preconizada solução de conversar com os criminosos...

Não percebo nada disso, mas se eles governarem são capazes de mandar matar uma pessoa por dia, para matar o vício. Como é que se pode conversar com os que não sabem matar, roubar e queimar?



O que é que pretendem, afinal?